

Corria como tantas vezes, de firme intento,  
Sempre marchando a compasso  
Por gândaras e caminhos sem engano  
O Fura-Matos, ufano,  
Longe de outro qualquer humano,  
Seguia p'lo mato, atento.

Eram estes trilhos seus  
Veze sem conta pisados  
Falava sozinho, consigo e com o seu Deus  
De assuntos mais que falados  
Ocupava a sua mente.  
E eis que cercando-o de repente,  
Lhe aparecem pela frente  
Lobos ferozes, camafeus!

Tanto lhe passa na ideia  
Em segundos quase eternos...  
“Consigo escapar a correr da alcateia?”  
“Escorraço-os p'rós infernos?”  
Mas nada disso faz nesse instante.  
Com sua fé adiante  
E um coração palpitante  
A Santa Ana nomeia.

A promessa: uma capela  
Ali naquele lugar ermo  
(Alva obra, de simples vista e traça singela)  
Se levasse os bichos estafermos  
E lhe salvasse a ele a vida.  
A oração nem foi comprida  
Mas depressa foi ouvida  
Pela maternal sentinela.

Ainda o devoto rezava  
Quando chegou providência  
Dos céus caiu brusca e súbita saraiva brava  
Pinhas e ramos em tal cadência  
Fustigando os predadores  
Infligindo-lhe tamanhas dores  
Aflições, uivos, temores  
Num ritmo que não cessava.

A fuga em breve se deu  
Foi-se a lupina companhia  
Fura-matos suspirou, acalmou e agradeceu  
Em louvor e alegria.  
À obra logo pôs mãos  
Com fervorosa dedicação  
De pedra e cal a construção  
Em pouco tempo cresceu.

Pago que foi o prometido,  
A santa ermida acabada  
Chegaram as novas a Fôja, ao sábio ouvido  
Da irmandade alojada.  
Os Crúzios vieram enfim  
Construindo outrossim  
Nesse edifício ficaram por fim  
(Por “Escola Velha” é conhecido).

Em redor da capelinha  
Cresceu o ajuntamento  
Por devoção sentida ou necessidade que tinha  
Gente a ganhar seu sustento.  
Uma aldeia ali nasceu  
E desde aí se conheceu  
P’lo baptismo que lhe deu  
O fura-matos: Santana.

*Autor: Jorge Ventura / 2011*